

Passeios



Nas Berlengas, longe de tudo

Menos de 13km separam a costa continental da Berlenga Grande. Mas ela é outro mundo, garantem os habitantes e exploradores da ilha agora limitada a 550 visitantes por dia. Uma medida para proteger um lugar pequeno de coisas únicas. *Rute Barbedo (texto) e Nuno Ferreira Santos (fotos)*



Passeios

● Há um certo prazer em acrescentar drama à viagem de barco para a Berlenga Grande, que, a partir de agora, chamaremos, como fazem os seus conhecedores, simplesmente de Berlenga. O faroleiro-chefe, por exemplo, diz ao telefone: “Hoje está bem melhor. As ondas baixaram para os dois metros.” Chegou à ilha “encharcado”. Do lado de Peniche, os casacos esvoaçam, as portas dos cafés fecham com estrondo, o mar parece um papel azul forte de onde se foi raspando a tinta até ficarem centenas de traços brancos. São as ondas a chatear a água. Os de cá chamam-lhe o “mar trapalhão”. Forma-se a partir de rajadas fortes vindas do Norte que desenhem vagas de período curto. “Até o carapau pequeno foge.”

No entanto, não bate certo, porque Junho costuma ser dos melhores meses para navegar. É quando começam as viagens em massa para o arquipélago das Berlengas. Por ano, a Berlenga Grande, a única ilha visitável com fins turísticos, cuja superfície não chega a um quilómetro quadrado, tem recebido mais de 65 mil pessoas, quase 70% das quais nos meses de Verão. “Fazem fila para visitar o farol”, há-de confirmar Edgar Bentes, faroleiro agora também com funções de guia turístico. Mas quem escolheu esta semana para a odisseia, terá de recalculer os passos. Com o vento assim, “não se consegue atracar”, garante o funcionário de uma das muitas empresas marítimo-turísticas em operação. Só mesmo o clássico *Cabo Avelar Pessoa* (o transporte com o nome do herói que terá vencido, com pouco mais de 20 soldados, centenas de espanhóis na Batalha das Berlengas, em 1666) deverá ligar o continente à ilha. Mas também as histórias do grande *Avelar* trazem fel na boca. “Quanto maior o barco, maior a tormenta”, pelo que os passageiros viajam munidos de sacos, prontos a acomodar os efeitos da dança entre o mar e o estômago.

Quem quer pernoitar na Berlenga tem, ainda, outra limitação: não são todas as empresas que permitem ir num dia e regressar no outro, sobretudo agora, com a entrada em vigor



(a 23 de Maio) da nova portaria (n.º 355/2019) que restringe a visita à ilha a 550 pessoas por dia, em simultâneo, com o objectivo de preservar os estatutos de Reserva Natural e Reserva Mundial da Biosfera, tendo em conta a “sensibilidade das espécies e dos habitats naturais”, a dimensão do território e “as condicionantes de segurança”, lê-se na portaria.

Se a medida protege, no essencial, a reserva é uma questão que suscita dúvidas. Há quem alegue que, antes de impor limites, o fundamental seria dotar o território de um sistema de gestão e tratamento de resíduos eficaz e educar as pessoas a terem comportamentos responsáveis, como racionar o consumo de água doce, não caminhar fora dos trilhos e não depo-

sitar papéis e outros objectos nas casas de banho públicas, como acontece diariamente.

Nativos e invasores

Quem visita a Berlenga, ainda assim, queixa-se mais do grito alucinado das cagaras e da sobrançeria das gaivotas - 45 mil na década de 1990, hoje perto de 13 mil. Todas a rirem-se de nós, forasteiros inadaptados, de chapéus de aba larga e telemóveis apontados ao mar, muitos séculos depois da aparição dos primeiros exemplares humanos no território: vikings, mouros, corsários ou os frades que ali se instalaram em 1513 mas acabaram por sucumbir à doença e ao inimigo. No século XXI, as ameaças são outras:





Agora limitada à presença de 550 pessoas por dia, a Berlenga é um santuário para muitas espécies

espécies invasoras, a “superabundante população de gaivota-de-patas-amarelas”, o “turismo desregrado” e parte da actividade piscatória, de acordo com o relatório preliminar do Life Berlengas.

Entre 2014 e o passado mês de Junho, o projecto mobilizou mais de 200 profissionais e voluntários interessados em estudar e proteger a vida selvagem da acção de agentes *non gratos* como o coelho, o rato-preto (que, durante o projecto, deixou de ser avistado na ilha), o chorão-das-praias (eliminado quase na totalidade, já que impede a fixação da flora nativa), a gaivota-de-patas-amarelas (que preda a lagartixa-das-berlengas e até outras aves marinhas), as redes de emalhar, as de cerco e o palangre

(responsáveis pela morte de milhares de aves, como o alcatraz, a cagarra ou a galheta, todos os anos).

Entretanto, lá conseguimos chegar à Berlenga, o lugar onde há espécies que “não existem em mais nenhum lugar do mundo”, enquadra Joana Andrade, coordenadora do Life Berlengas. Refere-se aos pequenos tufo verdes conhecidos como arméria-das-berlengas, à amarela pulicária ou à herniária, “muito difícil de encontrar”. Além das endémicas, “estão descritas cerca de 100 espécies de plantas aqui”, árvores excluídas, porque não conseguem crescer nestes solos e ventos carregados de sal.


Não foi o Life Berlengas, no entanto, que esteve na origem da nova portaria, “mas ajudou”, garante a →

OnWine Distribuição Nacional

Terroir Experience



SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.

find us on 
@ onwinedistribuicao

Passeios



bióloga, enquanto procura um ninho artificial de cagarra. “Aqui estão!”, entusiasma-se Joana. Foram construídos 102 e “são como vasos de cerâmica”, cobertos e com uma pequena abertura em frente de onde é possível observar o ovo e a cagarra, com alguma sorte e ginástica. Joelhos no chão, tronco esticado, rosto em riste. Lá estamos nós, frente a frente com a ave que canta em vez de piar e que volta todos os anos à Berlenga, como o roque-de-castro, para nidificar.

Continuamos pelo percurso da Ilha Velha, “um trilho que poucas pessoas fazem”, avermelhado, e que “sobrevoa” o Pesqueiro do Capitão ou o Carreiro dos Cações, cavidades que deixam ver as águas transparentes transformarem-se no oceano infinito. Apesar do ruído constante das gaivotas, no ar há uma grande bola de silêncio, o silêncio do isolamento, cruzado, de vez em quando, por imagens lunáticas, como um rapaz solitário a apanhar insectos com uma rede branca, uma estudante a medir

lagartixas sentada numa pedra, o cadáver de uma gaivota ou os dois vigilantes da ilha a conduzir um jipe (um dos únicos dois veículos em circulação) num lugar sem carros.

250 degraus

Uma coisa, no entanto, é a Berlenga, outra é o Forte de São João Baptista, um esconderijo onde dormem os verdadeiros amantes do arquipélago (excluindo faroleiros, pescadores, vigilantes e funcionários da Câmara, ou seja, os residentes). O forte funciona como pousada. Já no Estado Novo o era, mas de luxo - conta-se que Salazar vinha cá passar uns dias com amigos da caça submarina. Hoje, “é campismo com tecto”, como dizem os locais, mas também uma espécie de comunidade. Há horas para a electricidade (alimentada por geradores), o banho é de água fria, a roupa de cama traz-se ou paga-se à parte e na cafetaria apenas existe o básico. “Não temos condições para mais”, justifica João

Hugobaldo, vice-presidente da Associação Amigos da Berlenga (AAB), que gere o espaço desde 1976. É por isso que, às onze da manhã, Dóna, um dos quatro jovens que vieram fazer o Verão ao forte, aguarda apático a chegada marítima dos bolos para o pequeno-almoço. Dóna também ama a Berlenga, mas ainda sem os argumentos da meia-idade nem o fascínio de um trabalhador cansado que vê nos poucos quilómetros que separam a ilha do resto do mundo (diga-se, de Peniche) a linha do paraíso.

É o caso de João Carvalho, de 51 anos, enfermeiro em Coimbra. Pela maneira como fala não seria estranho que no braço direito tivesse tatuado “Berlenga para Sempre”. “Venho cá há mais de 30 anos, desde a adolescência”, diz o antigo elemento da selecção nacional de pesca desportiva, de pose firme, em frente às brasas do grelhador. Da pesca e do mergulho, formou-se um grupo de amigos - os Orca - que todos os anos (há mais de 15) vem passar uma semana de

“Venho cá há mais de 30 anos, desde a adolescência”, diz João Carvalho, antigo elemento da selecção nacional de pesca desportiva

feira ao Forte de São João Baptista, o edifício de defesa erguido no século XVII sobre uma ilhota que só não é totalmente à parte porque D. João IV achou melhor construir uma ponte até à Berlenga Grande. Até lá acima, na ilha, são mais de 250 degraus. Cá em baixo, escondem-se as grutas - do Medo e outros nomes -, as covas - do Sono e outros ditos -, a pesca e o tal mundo paralelo, visitável através dos pequenos barcos turísticos que circulam entre a fortaleza e o porto.

“Aqui está-se longe de tudo”, resume Fernando, Orca convicto. Como os demónios ficam em terra, o forte, além de hospedaria, tornou-se numa espécie de santuário. “Há grupos que vêm cá há mais de 30 anos.” Mas é um santuário - e património do Estado - que “dá muito trabalho a manter”, frisa Rui Rocha, presidente da AAB, neto de pescadores e frequentador da Berlenga desde miúdo. “Aos 14/15 anos, já ajudava nas pinturas. É um edifício que tem um desgaste terrível.”

No ar há uma grande bola de silêncio, o silêncio do isolamento, cruzado, de vez em quando, por imagens lunáticas, como um rapaz solitário a apanhar insectos com uma rede branca



É essa a principal preocupação da AAB: fazer com que as receitas do alojamento cheguem para as despesas de manutenção. “Fazemos o possível”, tendo em conta as limitações financeiras e as “seis ou sete vezes que é preciso reagendar obras e pinturas” devido às condições atmosféricas e do mar. “Programamos para um dia, mas depois nunca dá.” De vez em quando, nas contas também entram “investimentos loucos”, como a compra, há dez anos, de um dessalinizador, para fazer face à falta de água doce no “hotel”. “A gente continua a gostar, mas é duro”, resume o presidente.

A alma do peixe

Mas no “santuário” da Berlenga todos os problemas desaparecem à mesa. Depois de “um grande evento” que contou com javali no espeto, à sombra dos Orca, já reinam novos pratos, adornados de camarão. Lá fora as brasas estalam sempre que uma gota de gordura cai das cavalas e robalos trazidos por Pedro Jorge, “um dos grandes pescadores da ilha”. Ardem nas traseiras da cozinha comu- →

Visite a
1.ª Estância
de Wakeboard
do mundo!

+ info wakeboardportugal.com

60 Km
de Experiências!

Abrantes, Ferreira do Zêzere,
Tomar, Sertã e Vila de Rei

13-14.JUL
Fernandaires
Vila de Rei

3-4.AGO
Montes
Tomar

Animação
e experiências
náuticas gratuitas ao
fim-de-semana
de maio a setembro

Castelo de Board

Verão 2019 na Albufeira de Castelo do Bode

Passeios



*“Melhor do que isto não há.”
Carla vive na Berlenga com os filhos e com Nuno Pereira, entre Abril e Novembro*



nitária, junto às paredes da fortaleza, onde bate o mar vivo. Por esta altura, já os braços são cavalas e os cabelos robalos. Os homens fundem-se com os peixes. E, “podem dizer o que quiserem, mas não há peixe como o da Berlenga”, garante João Carvalho. “Estas águas são o ex-libris para qualquer pescador.”

No bairro deles, o dos Pescadores - que são, mais do que algumas aves, quem mais tempo seguido vive na ilha -, Zé Manel confirma o desígnio. “O peixe de cá tem um gosto que praticamente mais nenhum tem. É por isso que a gente anda a ver se consegue certificar o robalo da Berlenga”, diz, de braço encostado à parede da casa onde vive há dez anos, acabada de renovar, agora com armários de categoria, tecto forrado e camas que alargaram de 70 centímetros para um metro. “Se vier cá a minha esposa, ficamos um bocadi-

nho atascados mas já dormimos aqui os dois...”

Mas porquê a Berlenga? Porquê escolher viver numa ilha onde não há médicos e a família nem sempre consegue chegar, onde no Inverno as ondas batem à porta de casa, uma casa exígua onde se janta com os camaradas da pesca, se bebe com os camaradas da pesca, se dorme com os camaradas da pesca? “Quantas noites, em Janeiro, não há barcos, não há luz, não há nada, e aí é aquela parte em que a gente diz: ‘Uau! Tenho uma ilha só para mim!’ É o silêncio absoluto. Essa é a melhor parte de todas”, responde Zé Manel.

São as noites de Inverno, encerradas em casa, sem televisão nem previsões, com a maresia nos ossos. As mesmas que passa Carla, algumas portas ao lado, ainda assim a pensar que “melhor do que isto não há”. Funcionária da Câmara, vive na Ber-

lenga com os filhos e com Nuno Pereira, entre Abril e Novembro, para tratar da limpeza geral, das casas de banho e do parque de campismo, “até lá acima”. “O meu marido praticamente nasceu aqui. E isto [do trabalho no bairro] já vem de geração em geração. Primeiro foram os avós do Nuno [Maria e João], que ficaram cá mais de 30 anos, depois foram os pais [Marieta e Veríssimo], que seguiram o exemplo, e agora somos nós. E o meu filho, que tem 13 anos, já diz que é a seguir.”

Talvez seja isso: querer ficar longe de tudo, onde “não há ninguém”. “Os dois faroleiros estão lá em cima, a gente não os vê nem eles a nós. Mesmo em Novembro não saímos de casa, já não se consegue. As coisas andam aí alvoradas, parece que está tudo a partir, os alguidares pelos ares, as cadeiras vão parar lá abaixo, ao mar.” O paraíso, a Berlenga.

guia



Há várias empresas marítimo-turísticas (e mais de 20

embarcações) a fazer a ligação entre Peniche e a Berlenga Grande, de Maio a Setembro. Pode optar-se pela viagem em catamarãs, lanchas, semi-rígidos, entre outros. O preço varia, mas, em média, o bilhete de ida e volta no mesmo dia ronda os 20 euros (convém comprar com antecedência, sobretudo se a viagem estiver planeada para os meses de Julho e Agosto ou durante o fim-de-semana). Eis algumas empresas que fazem a ligação: Berlengatur, Viamar, Feeling Berlenga.



Uma vez confirmada a ida à Berlenga, a reserva de alojamento é

aconselhável, tendo em conta a escassez de oferta. As possibilidades são:

Forte de São João Baptista
Construído entre 1951 e 1956 a mando do rei D. João IV, para defender o território, hoje funciona como hospedaria, de estilo simples e “serviços mínimos” em termos de alimentação (há essencialmente bebidas e alguns bolos e snacks, pelo que é necessário ir-se munido de comida, mesmo que no forte reine o espírito da partilha e possa sempre surgir um robalo selvagem acabado de grelhar quando menos se espera). De Junho a Setembro, pode-se dormir nos quartos (para duas, três, quatro ou seis pessoas) ou nas “cubatas”, espaços exíguos, ao estilo monástico, com uma cama e uma pequena janela voltada para o mar. O gerador tem horários de funcionamento específicos e o duche é de água fria. A roupa de cama é paga à parte. Há uma cozinha comunitária e uma zona de grelhadores abertas aos hóspedes. Ao fim-de-semana, a lotação costuma estar esgotada. **Preços:** uma cubata individual varia entre 15 e 30 euros por noite, para não-sócios, dependendo do mês e do número de noites reservadas. O preço do quarto duplo situa-se entre os 35 e os 50 euros por noite. **Contacto:** berlengareservasforte@gmail.com

Área de Campismo da Berlenga

Não há sombras nesta zona de soalcos que se vê logo na chegada à ilha e onde existe espaço para 15 tendas de duas pessoas, nove de três pessoas e 14 de quatro pessoas (capacidade total para 113 pessoas). No entanto, é preciso reservar lugar, porque o parque costuma estar esgotado entre a primeira semana de Junho e o dia 15 de Setembro, a época de funcionamento. Não há água doce nem electricidade. Os balneários públicos ficam junto ao Bairro dos Pescadores, com casas de banho e duches de água fria e salgada (o acesso a água doce na ilha é limitado e a água não é potável, no entanto, são disponibilizados aos utilizadores 15 litros/dia/pessoa, entre as 8h e as 11h, pelo que convém levar vasilhame).

Preços: Por noite, o espaço para uma tenda com duas pessoas (incluídas) custa 10,30 euros.

Por tendas de três pessoas, paga-se 14,95 euros; e de quatro pessoas, 19,60 euros.

Contacto: campismo.berlenga@cm-peniche.pt

Berlenga Bed & Breakfast

Acaba de mudar de gerência, depois de vários anos nas mãos dos mesmos proprietários, que tornaram a antiga residencial Mar e Sol um ponto central da Berlenga, até pelo facto de ter o único restaurante na ilha. Quando a Fugas fez esta reportagem, o alojamento com seis quartos (com vista para o mar e agora renovados), no Bairro dos Pescadores, ainda estava nos últimos retoques. Entretanto abriu ao público e deverá funcionar sempre entre Abril e Outubro. Continua a ser aqui o único restaurante da Berlenga - o Mesa da Ilha -, aberto diariamente, que tem como especialidades a tradicional caldeirada de peixe e o peixe fresco local.

Preços: Até 15 de Julho, a noite num quarto duplo custa 100 euros, com pequeno-almoço incluído. A partir dessa data e até ao final de Agosto, o preço sobre para 120 euros.

Contactos: 262148009; berlengabedbreakfast@gmail.com